



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
FACULDADE DE LETRAS

ISABELLA MARCELO SILVA DE LIMA

SUMUD É MELHOR QUE *PROZAC*: linguagem sumúdica, saúde mental e
resistência na Palestina sob ocupação

Rio de Janeiro
2025

Isabella Marcelo Silva de Lima

SUMUD É MELHOR QUE *PROZAC*: linguagem sumúdica, saúde mental e
resistência na Palestina sob ocupação

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro,
como requisito parcial à obtenção do título
de Bacharel em Letras (Português-Árabe)

Orientadora: Eleonora Ziller Camenietzki

Rio de Janeiro

2025

FICHA CATALOGRÁFICA

FOLHA DE APROVAÇÃO

Isabella Marcelo Silva de Lima

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro,
como requisito parcial à obtenção do título
de Bacharel em Letras (Português-Árabe)

Aprovado em: _____/_____/_____

(Eleonora Ziller Camenietzki, Doutora, Universidade Federal do Rio de Janeiro)

(Flávia Trocoli, Doutora, Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado a força e a paciência que me sustentaram nos momentos mais difíceis.

A meus pais Elizabeth e Raphael, pelo amor e apoio constantes e por terem acreditado em mim quando eu mesma não acreditava; à minha irmã Letícia por me incentivar a continuar a fazer o que gosto. À minha “Vó Neida” que, se estivesse viva, certamente estaria vibrando com cada conquista minha.

À Layllah, minha mestra e “mãe de dança”, a primeira a me incentivar a buscar estudar árabe e minha primeira aluna de árabe. À minha primeira professora de árabe, Aline Oliveira, que me fez amar a língua árabe e se tornou uma querida amiga.

A cada pessoa que confiou em mim como professora, intérprete ou tradutora, permitindo que eu me desenvolvesse enquanto profissional e nunca esquecesse porque comecei, em especial às alunas e amigas Ana Flávia, Clara Soares e Júlia Lobo pela parceria e por desenvolverem trabalhos inspiradores com tanta sensibilidade e respeito.

A Rima Awada Zahra por conceder uma brilhante entrevista com tanta solicitude e carinho.

Agradeço enfim, às pessoas e vozes que inspiraram este trabalho, Dra. Samah Jabr e a todo o povo palestino por ensinar o Sumud para mim e para o mundo.

A todos que, direta ou indiretamente, colaboraram com esta caminhada acadêmica e pessoal, deixo minha sincera gratidão.

RESUMO

LIMA, Isabella Marcelo Silva de. ***Sumud é melhor que Prozac***: linguagem sumúdica, saúde mental e resistência na Palestina sob ocupação. Rio de Janeiro, 2025. Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2025.

O presente estudo adota uma abordagem qualitativa e interdisciplinar, articulando tradução, literatura comparada e crítica pós-colonial, partindo da premissa de que a linguagem é mais que comunicação, sendo um campo de disputa simbólica e política, especialmente em contextos marcados pela colonialidade do poder e pelo orientalismo. O trabalho investiga como a não tradução de termos específicos, como o termo *sumud*, em árabe, atua como estratégia de afirmação identitária e preservação de saberes locais, evidenciando o tradutor como agente político na construção de sentidos e na circulação de epistemologias silenciadas. Essa reflexão se torna ainda mais urgente diante do genocídio em curso na Faixa de Gaza desde outubro de 2023, que reafirma as dimensões políticas, simbólicas e existenciais da resistência palestina. O corpus inclui o livro *Sumud em tempos de genocídio* (2024), de Samah Jabr, e a canção “Prozac” do grupo DAM (2019), permitindo analisar saúde mental, trauma, colonialidade e expressão do *sumud* em prática. A não tradução reforça a preservação de significados culturais, históricos e políticos, reafirmando a capacidade dos palestinos de produzir conhecimento a partir de suas próprias experiências e resistir às narrativas coloniais. Assim, o estudo mostra que linguagem, cultura e tradução podem ser ferramentas de solidariedade, resistência e transformação social, com o *sumud* funcionando como memória viva e afirmação ética da dignidade palestina.

Sumud palestino; tradução e poder; resistência cultural

ملخص الدراسة

LIMA, Isabella Marcelo Silva de. **Sumud é melhor que Prozac**: linguagem sumú dica, saúde mental e resistência na Palestina sob ocupação. Rio de Janeiro, 2025. Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2025.

تعتمد هذه الدراسة على نهج نوعي ومتعدد التخصصات، يربط بين الترجمة، الأدب المقارن، والنقد ما بعد الاستعماري، انطلاقًا من الفرضية القائلة بأن اللغة ليست مجرد وسيلة للتواصل، بل هي مجال للصراع الرمزي والسياسي، خاصة في سياقات تتسم بالاستعمارية في السلطة والاستشراق. تبحث الدراسة في كيفية أن عدم ترجمة مصطلحات محددة، مثل كلمة الصمود العربية، يعمل كاستراتيجية لتأكيد الهوية والحفاظ على المعارف المحلية، مع إبراز دور المترجم كوكيل سياسي في بناء المعاني ودوران أنظمة المعرفة المقموعة. تصبح هذه المناقشة أكثر إلحاحًا في ظل الإبادة المستمرة في قطاع غزة منذ أكتوبر 2023، والتي تؤكد الأبعاد السياسية والرمزية والوجودية للمقاومة الفلسطينية. يشمل المنهج كتاب *الصمود في زمن الإبادة* لسماح جابر 2024 وأغنية *بروزاك* لمجموعة DAM 2019

مما يسمح بتحليل الصحة النفسية، الصدمة، الاستعمارية، وتطبيق الصمود عمليًا. يعزز عدم الترجمة الحفاظ على المعاني الثقافية والتاريخية والسياسية، ويؤكد قدرة الفلسطينيين على إنتاج المعرفة من تجربتهم الخاصة ومقاومة السرديات الاستعمارية. بذلك، تظهر الدراسة أن اللغة والثقافة والترجمة يمكن أن تكون أدوات للتضامن والمقاومة والتحول الاجتماعي، ويعمل الصمود كذاكرة حية وتأكيد أخلاقي لكرامة الفلسطينيين.

كلمات المفتاحية: الصمود الفلسطيني؛ الترجمة والسلطة؛ المقاومة الثقافية

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 ORIENTALISMO, COLONIALIDADE E A MENTE	12
1.1 A MENTALIDADE DO ORIENTAL	13
1.2 COLONIALIDADE, PODER E LINGUAGEM	14
1.3 A PALAVRA E A TRADUÇÃO	17
2 A PRODUÇÃO DE NARRATIVAS PRÓPRIAS	19
2.1 SUMUD É SUMUD	19
2.2 LINGUAGEM SUMÚDICA	21
3 NOSSO SUMUD É MELHOR QUE SEU PROZAC	24
3.1 PRODUTO CASEIRO	24
3.2 QUEM TEM VOZ E QUEM TEM VEZ	33
3.3 DEIXE-NOS EM PAZ	35
CONCLUSÃO	37
ANEXOS	38
REFERÊNCIAS	40

INTRODUÇÃO

O presente trabalho adota uma abordagem qualitativa e interdisciplinar, situada no campo dos estudos de tradução e literatura comparada, articulada com reflexões da crítica pós-colonial. A escolha metodológica fundamenta-se na compreensão de que a linguagem, mais do que um instrumento de comunicação, constitui campo de disputa simbólica e política, especialmente em contextos atravessados pela colonialidade do poder (Quijano 2005) e pelo orientalismo (Said 2007).

A relevância deste estudo reside em sua contribuição para o debate sobre as relações entre tradução, poder e representação cultural, especialmente no contexto palestino. Ao analisar produções literárias e musicais que emergem de um território historicamente atravessado pela ocupação e pela resistência, busca-se evidenciar como a não tradução de certos termos e conceitos atua como estratégia de afirmação identitária e de preservação de um saber localizado. O trabalho propõe, assim, repensar o papel do tradutor não apenas como mediador linguístico, mas como agente político envolvido na construção de sentidos e na circulação de epistemologias silenciadas pela colonialidade do saber.

A relevância dessa discussão torna-se ainda mais urgente diante do genocídio em curso, até o presente momento, na Faixa de Gaza desde outubro de 2023, que reatualiza, de forma trágica, as dimensões políticas, simbólicas e existenciais da resistência palestina. Nesse contexto, compreender o *Sumud* em suas nuances e expressões culturais torna-se fundamental para reconhecer as múltiplas formas de resistência que se constroem também através da linguagem, da produção científica e da arte.

Além disso, o estudo busca ampliar as discussões sobre saúde mental e trauma sob uma perspectiva decolonial, conectando discursos clínicos e culturais à resistência cotidiana palestina. Ao colocar em diálogo uma obra literária e uma expressão musical, o trabalho reforça a importância de abordagens interdisciplinares capazes de compreender a complexidade das formas de resistência e reconstrução subjetiva em contextos de violência colonial e genocida.

O corpus é composto por dois materiais palestinos: *Sumud em tempos de genocídio* (2024), da psiquiatra Samah Jabr, traduzido para o português por Rima

Awada Zahra¹; e a canção “Prozac”, do grupo de hip-hop palestino DAM, integrante do álbum *Ben Haana Wa Maana* (2019). A análise é qualitativa e interpretativa, voltada à leitura crítica dos textos e à compreensão dos contextos histórico, social e político de produção.

No estudo da obra de Jabr (2004), os textos são examinados à luz de conceitos de saúde mental, trauma e colonialidade, considerando como a linguagem expressa experiências de resistência e resiliência. A composição “Prozac” será analisada como expressão do *Sumud* em prática, evidenciando como a letra articula críticas à ocupação israelense, à medicalização do sofrimento e às narrativas ocidentais, destacando o papel da intervenção estrangeira (ocidental) e a presença de elementos culturais e políticos que reafirmam a resistência coletiva.

Ambos os materiais serão discutidos a partir das categorias de orientalismo, colonialidade e saúde mental, com o objetivo de compreender como a não tradução contribui para a construção e o reconhecimento de uma epistemologia palestina.

O estudo adota uma abordagem qualitativa e interdisciplinar, articulando tradução, literatura comparada e crítica pós-colonial. Parte da premissa de que a linguagem é mais que comunicação, sendo um campo de disputa simbólica e política, especialmente em contextos marcados pela colonialidade do poder (Quijano, 2005) e pelo orientalismo (Said, 2007). O trabalho analisa como a não tradução de termos específicos no contexto palestino atua como estratégia de afirmação identitária e preservação de saberes locais.

A pesquisa enfatiza o tradutor como agente político, envolvido na construção de sentidos e na circulação de epistemologias silenciadas. Essa discussão se torna urgente diante do genocídio em curso na Faixa de Gaza desde outubro de 2023, que evidencia dimensões políticas, simbólicas e existenciais da resistência palestina. Compreender o conceito de *Sumud* — perseverança e resistência — é essencial para reconhecer formas de resistência expressas por meio da linguagem, da ciência e da arte.

O corpus inclui o livro *Sumud em tempos de genocídio* (2024), de Samah Jabr, e a canção “Prozac” do grupo de hip-hop palestino DAM (2019). A análise qualitativa evidencia como Jabr aborda saúde mental, trauma e colonialidade, enquanto a canção expressa o *Sumud* em prática, articulando críticas à ocupação e às narrativas

¹ Rima é psicóloga, coordenadora e professora da pós-graduação do curso de Psicologia e Migração da PUC-MG, além de consultora em educação e saúde mental, além de ter origem árabe.

ocidentais. A não tradução, nesses contextos, reforça a construção e o reconhecimento de uma epistemologia palestina

1 ORIENTALISMO, COLONIALIDADE E A MENTE

Desde o final do século XVIII, o orientalismo, tal como analisado por Edward Said (2007), consolidou-se como um sistema de representações que produziu o “Oriente”. Essa produção, ou mesmo invenção² foi, por séculos, aceita como conhecimento puramente objetivo, sem quaisquer intenções de ser *político*, apesar de seguir contribuindo com discursos de superioridade, ou quiçá até pior, *neutralidade* das nações auto proclamadas ocidentais. A pretensa neutralidade é capaz de naturalizar as opressões, apagando ou borrando parte dos fatos históricos por trás das relações de exploração.

É conveniente que, mesmo após ter construído estruturas que Said demonstrou serem meios de conter e representar o que chamou-se de oriente e os orientais árabes (Said, 2007), o ocidente siga sendo referencial no âmbito do conhecimento. Ao longo de séculos, ocidentais atribuíram aos orientais árabes um vocabulário e características seja de aparência física, seja de modo de vida, elaborando um coletivo “oriental” que seria naturalmente insano e incapaz de se autogovernar, características diametralmente opostas às dos ocidentais, que seriam dotados de razão e todos os atributos advindos desta.

Sendo o Ocidente orgulhoso de sua razão e de sua suposta capacidade superior de fazer ciência e, como consequência, nomear e explicar as coisas do mundo, seriam, nessa lógica, os ocidentais os únicos capazes de definir os limites do sofrimento e de decidir quais formas de sentir e reagir a ele seriam aceitáveis, saudáveis ou “normais” e, assim, fincar *bandeiras* na mente alheia.

A palavra bandeira, em árabe عَلَم (*‘alam*), guarda relação direta com as palavras conhecimento (الْعِلْم *‘ilm*) e delimitar (عَلَّمَ *‘allam*), compartilhando a mesma raiz³. Essa relação nos convida a refletir sobre a relevância do controle sobre o conhecimento para o estabelecimento de limites, não apenas geográficos, mas também mentais, culturais e epistêmicos. Afinal, dominar as formas de nomear o mundo é também dominar as formas de existir nele.

² Referência ao subtítulo da obra *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente* (SAID, 2007).

³ RYDING, Karin C., *Modern Standard Arabic Reference*

1.1 A MENTALIDADE DO ORIENTAL

O conjunto de ideias duradouras que sustentou a narrativa de poder sobre o Oriente inclui também um vocabulário que não é neutro, mas construído e imposto pelo olhar ocidental. O termo “terrorismo” – amplamente reforçado após o 11 de setembro (Araújo, 2020) – ao lado de alguns outros que serão mencionados mais tarde, opera como dispositivos de classificação que alimentam uma visão homogênea e estigmatizada do sujeito árabe e/ou muçulmano. Esse repertório linguístico se articula à lógica já descrita por Said em “Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente” (Said, 2007), na qual o Islã foi tomado como aquilo que definia as identidades culturais e raciais dos árabes, produzindo uma equivalência reducionista entre religião, etnia e suposta propensão à violência. Tal enquadramento não apenas consolidou estereótipos, mas também sustentou práticas e sentimentos anti-islã e anti-árabes que seguem reverberando nas políticas e nos discursos contemporâneos.

A patologização de árabes e muçulmanos, seja no sentido da agressividade e do descontrole, que culminariam fatalmente em comportamentos de “terrorista”, no caso dos homens, seja no sentido da incapacidade, de uma fraqueza absoluta e que resultaria em uma submissão (voluntária) à figura ameaçadora dos (seus) homens por parte das mulheres, foi construída ao longo de séculos e ainda se repete. Said (2007) aponta que o Oriente foi ligado a elementos da sociedade ocidental que são até nossos dias, símbolos de fracasso, fraqueza moral e fragilidade mental: delinquentes/criminosos, loucos, mulheres e pobres. Na lógica da modernidade ocidental, sustentada por relações coloniais contínuas de poder, a sociedade não apenas disciplina e controla esses grupos sociais, mas também os instrumentaliza em diferentes dimensões.

Esses sujeitos estariam então para a sociedade ocidental de forma interna tal qual os árabes estão para o ocidente como um todo: ao mesmo tempo marginalizados e estigmatizados, funcionando como marcadores de fronteira que reafirmam normas de racionalidade, produtividade e moralidade. Convertidos também em figuras de contraste necessárias para a manutenção da ordem social e para a legitimação das hierarquias de poder, revelando que o controle não se limita à exclusão, mas envolve também a apropriação simbólica e política dessas existências, inclusive da expressão e da linguagem.

1.2 COLONIALIDADE, PODER E LINGUAGEM

Se partirmos do princípio de que a linguagem constitui o principal instrumento de mediação simbólica das relações humanas, torna-se evidente seu papel central na conformação das sociedades, dos afetos e das experiências individuais e coletivas. É por meio da linguagem que os sujeitos expressam emoções, constroem sentidos e estabelecem suas formas de relação com o mundo. A maneira como nomeamos objetos, fenômenos e pessoas (e até mesmo a própria distinção entre “objetos” e “pessoas”) revela pressupostos ontológicos e epistemológicos que estruturam a visão de mundo de uma cultura. Nesse sentido, a linguagem não apenas descreve a realidade, mas participa ativamente de sua construção e legitimação.

A constituição das culturas, dos saberes e das subjetividades humanas condiciona formas de existência e de percepção do mundo. Conforme afirma Quijano (2005), no contexto da modernidade colonial, “a Europa também concentrou sob sua hegemonia o controle de todas as formas de controle da subjetividade, da cultura, e em especial do conhecimento, da produção do conhecimento” (p. 129). Tal afirmação permite compreender que a dominação colonial não se deu apenas por meio da violência física ou usurpação de terras, mas também através da imposição epistêmica e simbólica.

Nesse panorama, é importante reconhecer que, tal qual ocorreu na América Latina, países e territórios que foram alvo de processos colonizatórios promovidos por potências europeias, ainda se pode perceber efeitos desse processo, nas estruturas sociais, políticas e culturais contemporâneas. No caso específico da Palestina, além da colonização britânica, soma-se a atual ocupação israelense, que deve ser compreendida como continuidade do projeto colonial, tendo em vista as relações históricas e geopolíticas estreitas entre o Estado de Israel, os países europeus e os Estados Unidos, desde a origem sionista de seus fundadores até sua inserção econômica e estratégica no cenário internacional.⁴

Se considerarmos que talvez uma das terminologias mais associadas a árabes e/ou muçulmanos no imaginário popular do chamado Ocidente seja “terrorista”, e todo o vocabulário a ela relacionado (terrorismo, homem-bomba, terror, útero-bomba etc.), e que ainda não há consenso a respeito da definição do termo no âmbito

⁴ Ilan Pappé 10 mitos sobre Israel, Tabla, 2022

internacional⁵, podemos colocar em perspectiva articulada às questões da linguagem, do direito internacional, e da saúde mental, problematizando especialmente a popularização e banalização do termo. O uso do termo e sua associação a um grupo específico (árabes e/ou muçulmanos), gera estereótipos e preconceitos de cunho religioso e étnico-racial.

Em “Oriente em revista: de que o jornalismo fala quando fala do Islam”, do jornalista Luiz Antônio Araújo (2020), o pesquisador analisa discursos sobre o Islam em algumas das principais revistas que já circularam no Brasil e destaca uma das principais linhas discursivas dentre as que frequentemente identificadas nos materiais por ele estudados e a denomina de “Islã Insano”. O autor explica que, segundo essa interpretação “O Islã em geral, e o fundamentalismo islâmico em particular, devem ser compreendidos em termos de cognição e de saúde mental” (Araújo, 2020, p.133).

A mídia ocidental, ao abordar temas relacionados ao mundo árabe e islâmico, frequentemente recorre à tradução ou à explicação de termos em língua árabe de maneira seletiva e estigmatizante, tendendo a reforçar de estereótipos negativos. Palavras como *jihad*, *sharia*, *shahid* e *intifada*, por exemplo, são recorrentemente traduzidas e interpretadas fora de seus contextos históricos, políticos, teológicos e culturais, sendo associadas quase exclusivamente à violência, ao fanatismo ou à irracionalidade. Essa prática, que à primeira vista pode parecer uma tentativa de tornar o conteúdo acessível ao público não árabe, revela-se uma estratégia discursiva que reforça a construção de um “Outro” islâmico e/ou árabe como ameaça. Como observa Said (2007), esse tipo de representação não apenas desinforma, mas também naturaliza uma narrativa de superioridade ocidental, legitimando políticas de controle, intervenção e exclusão. Ao descontextualizar ou simplificar conceitos árabes complexos, a mídia contribui para a exotização e criminalização de povos e culturas inteiras, instrumentalizando a tradução como mecanismo de dominação simbólica.

O orientalismo, ao construir esse “Outro” como irracional, violento ou passivo, insere-se em uma lógica mais ampla que Quijano (2005) denomina colonialidade do poder. Segundo ele, a dominação colonial não se encerra com o fim formal do colonialismo; ela persiste nas estruturas sociais, econômicas, políticas e, sobretudo,

⁵ United Nations Office on Drugs and Crime. Counter-Terrorism Module 4: Key issues – Defining terrorism. [S. l.], julho de 2018. Disponível em: <https://www.unodc.org/e4j/en/terrorism/module-4/key-issues/defining-terrorism.html>. Acesso em: 09 set. 2025.

nos saberes, na cultura e na subjetividade. Seguindo esse fio, a linguagem funciona como instrumento de classificação e hierarquização: os termos e conceitos impostos pelo ocidente delimitam quem é considerado racional, saudável, produtivo ou moralmente superior. Ao patologizar árabes e muçulmanos, construindo imagens de loucura, submissão ou agressividade, o discurso ocidental não apenas marginaliza, mas também instrumentaliza esses sujeitos, reforçando relações de poder e controle simbólico que atravessam gerações. Preservar ou ressignificar termos originais em árabe, como se observa na literatura palestina contemporânea, configura-se, portanto, como prática de resistência epistêmica frente à colonialidade do poder e, principalmente, do saber e do sentir.

O que se passou com o chamado oriente não foi muito diferente do que ocorreu na América Latina, objeto central dos trabalhos do autor peruano Aníbal Quijano, principalmente a respeito do controle sobre as subjetividades, como aponta o autor:

Um dos eixos fundamentais desse padrão de poder é a classificação social da população mundial de acordo com a idéia de raça, uma construção mental que expressa a experiência básica da dominação colonial e que desde então permeia as dimensões mais importantes do poder mundial, incluindo sua racionalidade específica, o eurocentrismo (Quijano, 2005, p. 117)

O psicólogo palestino Makkawi, em seu artigo *The rise and fall of academic community psychology in Palestine and the way forward*⁶ no qual aborda alguns dos principais aspectos e dificuldades no processo de desenvolvimento de um programa de pós-graduação em psicologia comunitária no contexto colonial palestino aponta a dominação exercida pela educação e pelos conhecimentos ocidentais nas instituições acadêmicas árabes. Makkawi frisa em seus escritos o papel das ONGs ocidentais, nesse caso as organizações na área da saúde mental, de reforçar abordagens individualistas ao aconselhamento e à psicoterapia (Makkawi, 2009), o que seria um exemplo bastante atual e explícito de como opera a colonialidade do poder, se utilizando do conhecimento acadêmico-científico a fim de manter o domínio sobre as mentalidades e as mentes.

Quanto à questão específica da linguagem e, conseqüentemente, da tradução, merece destaque o apontamento feito por Quijano (2005) a respeito do assunto:

⁶ A ascensão e queda da psicologia comunitária acadêmica na Palestina e o caminho a seguir (tradução da autora).

Em segundo lugar, reprimiram tanto como puderam, ou seja, em variáveis medidas de acordo com os casos, as formas de produção de conhecimento dos colonizados, seus padrões de produção de sentidos, seu universo simbólico, seus padrões de expressão e de objetivação da subjetividade. A repressão neste campo foi reconhecidamente mais violenta, profunda e duradoura entre os índios da América ibérica, a que condenaram a ser uma subcultura camponesa, iletrada, despojando-os de sua herança intelectual objetivada. Algo equivalente ocorreu na África. Sem dúvida muito menor foi a repressão no caso da Ásia, onde portanto uma parte importante da história e da herança intelectual, escrita, pôde ser preservada. E foi isso, precisamente, o que deu origem à categoria de Oriente (Quijano, 2025, p. 121).

1.3 A PALAVRA E A TRADUÇÃO

A linguagem constitui o principal instrumento de mediação simbólica das relações humanas e ocupa papel central na conformação das sociedades, dos afetos e das experiências individuais e coletivas. É por meio dela que os sujeitos expressam emoções, constroem sentidos e estabelecem sua relação com o mundo. Nesse sentido, a linguagem não apenas descreve a realidade, mas participa ativamente de sua construção e legitimação.

Como observa Quijano (2005), no contexto da modernidade colonial, “a Europa também concentrou sob sua hegemonia o controle de todas as formas de controle da subjetividade, da cultura, e em especial do conhecimento, da produção do conhecimento” (p. 129). Isso evidencia que a dominação colonial não se limitou à violência física ou territorial, mas também ocorreu por meio da imposição epistêmica e simbólica. Nesse registro, a tradução se configura como campo de disputa: o ato de traduzir ou não traduzir pode reforçar ou tensionar relações de poder.

Tanto o Brasil quanto a Palestina sofreram processos colonizatórios promovidos por potências europeias, Portugal e Inglaterra, respectivamente, cujos efeitos permanecem visíveis nas estruturas sociais, políticas e culturais contemporâneas. No caso palestino, além da colonização britânica, soma-se a atual ocupação israelense, continuidade de um projeto colonial sustentado por alianças históricas e geopolíticas entre Israel, países europeus e os Estados Unidos.

Nesse cenário, a linguagem assume papel crucial. Uma das palavras mais associadas a árabes e muçulmanos no imaginário ocidental é “terrorista”, termo cuja definição é controversa, mas que se consolidou no discurso midiático como categoria identitária. Sua popularização, junto a termos do mesmo campo semântico

(terrorismo, homem-bomba, terror), molda percepções internacionais e atravessa o campo jurídico e da saúde mental. Araújo (2020), em *Oriente em revista*, mostra que discursos midiáticos sobre o Islã frequentemente articulam religião, violência e patologização, criando narrativas que enquadram o “Outro” islâmico como irracional e perigoso.

A mídia ocidental, ao tratar do mundo árabe e islâmico, tende a traduzir certos termos em árabe de forma seletiva, atribuindo-lhes sentidos restritivos e estigmatizantes. Palavras como *jihad*, *sharia*, *chahid* e *intifada* são deslocadas de seus contextos históricos, políticos, teológicos e culturais, sendo associadas quase exclusivamente à violência ou irracionalidade. Esse processo, que aparenta tornar o conteúdo acessível ao leitor não árabe, opera como estratégia de reforço de estereótipos. Said (2007) alerta que tais representações não apenas desinformam, mas naturalizam narrativas de superioridade ocidental e legitimam políticas de intervenção e exclusão, transformando a tradução em instrumento de dominação simbólica.

É nesse contexto que se torna possível perceber a importância de práticas de tradução e expressão que preservam termos originais e sentidos culturais, como ocorre na obra *Sumud* em tempos de genocídio e no rap Prozac, do DAM. Ambos os textos exemplificam como a linguagem pode operar não apenas como mecanismo de controle, mas também como espaço de resistência: a tradução consciente e a produção cultural palestina ressignificam conceitos, mantêm a memória histórica e política, e articulam críticas às formas coloniais de subjetivação, abrindo caminho para compreender o *sumud* como prática concreta de persistência e afirmação identitária

2 A PRODUÇÃO DE NARRATIVAS PRÓPRIAS

No contexto da colonialidade do poder e do orientalismo, a voz palestina frequentemente se vê atravessada por narrativas externas que reduzem, patologizam ou desumanizam suas experiências, quando não as ignoram. Frente a essa realidade, emerge a necessidade de produzir narrativas próprias, capazes de expressar subjetividades, memórias e práticas culturais que escapam aos recortes impostos pelo olhar ocidental. A produção textual e artística palestina, como a obra de Samah Jabr (2024) e as letras do grupo DAM, constitui-se, assim, em um espaço de resistência epistêmica, no qual a linguagem não apenas nomeia a experiência, mas também reconstrói a humanidade e a agência de sujeitos historicamente marginalizados e silenciados.

Essas narrativas próprias não se limitam a descrever sofrimentos ou condições sociais; elas criam um repertório simbólico que articula memória, política, história e identidade cultural. Ao preservar termos originais, contextualizar conceitos e propor leituras críticas do sofrimento, tais práticas oferecem um contraponto às interpretações simplificadas e medicalizadas frequentemente impostas pelo ocidente. Neste capítulo, será examinada a produção textual e musical palestina como exemplo de como a palavra e a arte podem ser utilizadas para afirmar a resistência, reafirmar o *sumud* e construir possibilidades de reconhecimento e cuidado psicológico enraizadas na própria cultura.

2.1 SUMUD É SUMUD

Na versão em português do livro “Sumud em tempos de genocídio”, a tradutora Rima Awada Zahra, que é também psicóloga, escolheu manter o termo *Sumud* (صمود) no título da publicação, sem traduzi-lo. Apesar da opção pela não tradução, há na capa uma breve explicação do termo que diz “Termo usado pelos palestinos desde a época em que desafiavam o mandato britânico, expressa um estilo de vida voltado para a resistência”, dando ênfase nas questões histórica e política que recaem sobre o termo, ainda que de forma resumida. Ao longo do livro, que consiste em uma compilação de textos escritos pela psiquiatra palestina Samah Jabr (2024) entre novembro de 2003 e Março de 2024, originalmente publicados em veículos de mídia,

em especial o *Middle East Eye*⁷, aparecem diversos comentários e exemplos práticos do que seria “Sumud”.

Enquanto as traduções do termo para idiomas como português ou inglês recorrem a expressões equivalentes a “resistência”, “resiliência”, “firmeza” ou “perseverança constante”, termos que não dão conta da complexidade do significado de *Sumud*, Jabr aponta para a necessidade de contextualização do pensamento psicológico palestino e afirma que busca explorar “noções importantes como *jihad*, *chahid*, sacrifício, traição, honra, *sumud*, resistência, pátria, solidariedade(...)” (Jabr, 2024,p.23) e destaca ainda que elucidar esses conceitos contribui para o “desmantelamento de sistemas de injustiça estabelecidos e arraigados”.

Na entrevista concedida à pesquisadora, a tradutora da obra de Samah Jabr para o português, Rima Awada Zahra, ao ser questionada sobre a relação entre linguagem, tradução e saúde mental, destacou:

Toda guerra começa como guerra psicológica, valendo-se da linguagem para desumanizar o outro. Estamos, hoje, diante da urgência de refletir sobre como se constroem essas narrativas que sustentam processos de desumanização, sendo a questão palestina a expressão mais atual e trágica dessa dinâmica.

Autores como Said (2007) e Quijano (2005), assim como Jabr e Zahra, apontam para a linguagem e, por consequência, a tradução como instrumentos de poder em contextos coloniais e de opressão. Traduzir, nesse cenário, não é apenas realizar uma espécie de mediação cultural, mas pode também acabar por reduzir o outro a categorias pré-estabelecidas pelo colonizador.

Essa dimensão é central na produção de Samah Jabr, que destaca a utilização de expressões em árabe para nomear formas específicas de sofrimento. A psiquiatra afirma que as abordagens ocidentais não levam em conta algumas das expressões mais ouvidos por ela em seu consultório, e cita “*badany masmum, maqhur, mazlum, maksur khatry*” traduzindo estas em seguida como: “sinto que meu corpo está intoxicado, oprimido, exposto à injustiça; que meu desejo está quebrado (Jabr, 2024, p.57). Cada termo carrega densidade cultural e afetiva que se perde em traduções pretensamente literais ou substituições por categorias clínicas ocidentais que não dialogam com a cultura local, reforçando a necessidade de uma psicologia enraizada em realidades palestinas.

⁷ *Middle East Eye* é um veículo de mídia independente, criado em 2014, que publica notícias, análises e opiniões sobre política, sociedade e cultura no Oriente Médio e Norte da África.

Essa crítica epistemológica é aprofundada por Makkawi (2015), que denuncia a importação acrítica da psicologia ocidental pelas universidades árabes desde o período colonial. Segundo Farraj (2001 apud. Makkawi 2015), psicólogos da região frequentemente recorrem a instrumentos ocidentais que pouco dialogam com a experiência árabe, negligenciando pesquisas voltadas às demandas locais.

A questão também aparece em artigo de Jabr e Elizabeth Berger (2024), publicado na revista *The Lancet Psychiatry*, sobre a crise de saúde mental em Gaza. As autoras criticam a distribuição em massa de medicamentos por doadores internacionais, prática que, embora bem-intencionada, não responde às necessidades criadas pela guerra. Além disso, alertam para o risco de glorificar em excesso o *sumud*, invisibilizando o trauma das perdas e impondo uma expectativa de resistência ilimitada.

Como lembra Araújo (2020), a linguagem é sempre parcial: ao nomear e classificar, recortamos a realidade e produzimos signos carregados de ideologia. Esse limite, longe de ser apenas teórico, é fundamental para compreender como narrativas coloniais e práticas de medicalização podem silenciar experiências que escapam às categorias dominantes.

2.2 LINGUAGEM SUMÚDICA

Ao ser questionada sobre a tradução como ferramenta de decolonialidade do pensamento, Zahra reflete sobre o papel da imagem e o efeito do “ver demais”, observando como a exposição incessante a imagens de sofrimento palestino pode gerar dessensibilização. Ela destaca, assim, a importância da palavra como instrumento capaz de criar novas imagens e possibilidades de representação.

(...) Quanto mais somos expostos à dor escancarada do outro diante de nós, menos conseguimos sentir. Afinal, ver demais é insuportável. É por isso que aposto na palavra. Faço a defesa da palavra. A palavra tem a potência de deslocar. Não apenas contorna e nomeia: ela cria um lugar para o outro. A palavra produz reconhecimento, entendimento, saber. Pensamos com palavras e com as imagens que elas convocam.

O lugar destinado a esse outro árabe, muçulmano e palestino continua sendo o do sofrimento, o de suportar, aguentar e resistir, onde as imagens de sua dor são, em maior ou menor grau, naturalizadas. Nos últimos tempos, temos visto na televisão e, sobretudo, nas mídias sociais, corpos palestinos mutilados, soterrados, amputados, destruídos, algo que não se viu no 11 de Setembro com corpos de estadunidenses. O

sofrimento de um corpo marginalizado parece tão comum a ponto de ser naturalizado, deixando de causar incômodo e passando, por vezes, a provocar indiferença ou até regozijo.

Em *Oriente em Revista*, o jornalista e pesquisador Luiz Antonio Araújo (2020) analisa o papel da mídia na construção da imagem do árabe e do muçulmano, com foco na linguagem e nas imagens e estereótipos criados sobre o “Oriente Médio”. Ele cita:

(...) Mas se eu tomo um ser real, um objeto existente na natureza, será impossível à linguagem fazer entrar na palavra todas as noções que esse ser ou esse objeto despertam no espírito. A linguagem é forçada a escolher. Entre todas as noções, a linguagem escolhe uma só: ela cria assim um nome que não tarda em se tornar um signo (Bréal *apud* Araújo, 2020 p. 94).

Essa observação reforça a ideia de que toda nomeação é um recorte e que, ao escolher o que mostrar ou dizer, a linguagem e a mídia também delimitam o que pode ser sentido e reconhecido como humano.

É nesse cenário que a música e outras formas de arte emergem com mais força e relevância, como campo de resistência e reapropriação cultural, além de uma imposição da forma de sentir e expressar a realidade sociopolítica a que estão submetidos os palestinos. A obra musical *Prozac*, integrante do álbum *Ben Haana Wa Maana* (2019), do grupo de hip-hop palestino DAM, constitui uma crítica às formas de controle social e de alienação vividas sob ocupação e diáspora. O título, remetendo ao antidepressivo amplamente consumido no Ocidente, funciona como metáfora da medicalização do sofrimento, questionando a transformação de dores coletivas em patologias individuais e a pressão para silenciar experiências de violência política. Segundo Zahra, ao manter o termo sem o traduzir representa o reconhecimento e a valorização de um conjunto de habilidades e práticas cultivadas pelo povo palestino, o que resulta numa resposta digna e resistente diante do extremo da desumanização.

O grupo DAM, pioneiro do rap em árabe, consolidou-se como voz política durante a Segunda Intifada (2000–2005). Desde então, suas letras denunciam a ocupação israelense, a continuidade de estruturas coloniais e as intervenções estrangeiras, além de problematizar tensões internas, como desigualdade de gênero e pressões sociais. *Ben Haana Wa Maana* é considerado um dos álbuns mais críticos do grupo, reafirmando a música como ferramenta de resistência cultural.

Ao reconhecer a palavra como território de criação e deslocamento, Zahra e DAM apontam para uma mesma direção: a necessidade de recuperar o poder de narrar, de nomear e de existir fora das molduras impostas pelo olhar colonial. Se, como lembra Araújo (2020), toda nomeação é um recorte, então traduzir, escrever e cantar tornam-se gestos de recomposição — formas de reinscrever a própria imagem e de devolver humanidade àquilo que foi reduzido a signo de dor ou ameaça.

Assim, o ato de traduzir não é apenas linguístico, mas político: implica resistir à homogeneização dos sentidos e reivindicar um vocabulário próprio para falar do sofrimento e da resistência. A obra musical “Prozac”, ao ironizar a tentativa de medicar o trauma coletivo palestino, ecoa essa recusa e propõe outra cura — o sumud, a permanência que não se submete à narrativa dominante. Através da palavra, da música e da tradução, emerge uma psicologia do pertencimento e da dignidade, que não separa corpo, mente e território, mas os reinscreve em um mesmo gesto de sobrevivência e afirmação.

3 NOSSO SUMUD É MELHOR QUE SEU PROZAC

O presente capítulo propõe analisar a composição musical *Prozac*⁸, do grupo palestino DAM, colocando-a como exemplo de resistência cultural e produção de narrativas próprias frente à medicalização do sofrimento e às imposições externas sobre a subjetividade palestina. Lançada em 2019 no álbum *Ben Haana Wa Maana*, a faixa emerge em um contexto marcado pela ocupação israelense, tensões sociais internas e a diáspora palestina, ao mesmo tempo em que dialoga com discursos globais de saúde mental. A letra da música, ao recorrer à ironia e à crítica explícita, evidencia como práticas culturais, como o hip-hop, podem articular história, política e linguagem, transformando experiências individuais e coletivas em um discurso de *sumud* e resistência que se mantém vivo e atual.

Ao longo do capítulo, a análise da letra da obra musical será articulada com os apontamentos de Samah Jabr em *Sumud em tempos de genocídio*, bem como trechos da entrevista concedida pela tradutora Rima Awada Zahra, estabelecendo conexões entre o *sumud* como prática de resistência, a crítica à medicalização individualizante e a importância da preservação de sentidos culturais e linguísticos. A música não apenas denuncia a intervenção ocidental, mas também cria espaço para pensar a linguagem como ferramenta de empoderamento e ressignificação, mostrando que resistência e cuidado em contextos de opressão não se limitam ao âmbito clínico, mas se manifestam também na produção simbólica, cultural e artística.

3.1 PRODUTO CASEIRO

No contexto aqui debatido, a canção *Prozac* se apresenta como uma espécie de hino de recusa às narrativas impostas, reafirmando o *sumud* como permanência e enfrentamento. A faixa articula política, história e linguagem, transformando experiências individuais e coletivas em discurso de resistência. Como apontado no artigo publicado pela revista *Mundane Mag*⁹:

Prozac é sobre a intervenção ocidental e como ela sempre acaba piorando as coisas por não abordar, ou mesmo entender, as questões básicas. É um hino em que DAM basicamente diz: ‘deixem-nos em paz’.

⁸ <https://youtu.be/zuUtkqbpFjs?si=9msTuqvxQXuarUHT>

⁹ *Mundane Magazine* é a revista eletrônica do *Mundane*, estúdio de conteúdo criado em 2019, dedicado à promoção de produções artísticas e culturais independentes.

A seguir, é apresentada a letra da música, em árabe e a tradução para o português brasileiro, feita pela pesquisadora:

لا تكتبلي روصيتا، بديش تعطيني پروزاك

Não me prescreva uma receita, não quero que me dê Prozac

كأبتي وحره فيها، مايند يور بيزنيس ع قولتك

É a minha depressão, deixe-a livre, mind your business¹⁰ é o que vou te falar

لحالي بتقلب، لحالي بتألم

Vou me virar sozinho, vou sofrer sozinho

بنموت وبننولد ، لحال لحال لحال لحال

Eu morrer e renascer só, só, sozinho

بنكتب الروشيتا ، بنلاقي غير البروزاك

Vamos prescrever (nossas próprias) receitas, temos algo que não o Prozac

الكأبة اللي بمر فيها، بصير خير على قولتك

Vou lidar com minha depressão, ficarei bem

لحالي بتقلب، بنموت وبننولد

Vou me virar sozinho, morrer e renascer sozinho

لحالي بتألم، لحال لحال لحال لحال

Eu sofrerei só, só, sozinho

شالوم شالوم، بديش هال شيكل

Shalom shalom¹¹, eu não preciso do seu Shekel

بدي اوقف ع حقي، بديش الكرسي بديش الكنيست

Quero resistir pelos meus direitos, não preciso do trono ou do Knesset¹²

خود ليبيير اليتاك واحشيتها زيريچ

Pegue seu liberalismo e enfie na sua bunda

¹⁰ Expressão em inglês que pode ser entendida como “cuida da sua vida”.

¹¹ *shalom*, cumprimento em hebraico utilizado na religião judaica.

¹² Parlamento israelense.

في ثقب في قناعكم الابيض او كي - كي كي
Você tem buracos na sua máscara branca, O-KKK¹³

تع تنشوف ، انا المنكوب ف انا المندوب
Vamos ver então, eu sou a vítima, então estou no comando

نايس تو ميت يو " انا علوش، هاد منجيل، هادا منكوش"
Nice to meet you"¹⁴ Sou fazendeiro e essa é minha foice e essa é minha enxada"

عنا عادات بدها قلع من الشروش
Temos que erradicar muitos costumes

بس ما كان بينا ولا دعدوش قبل بوش
Mas Daesh¹⁵ não estava entre nós antes de Bush

بساط احمر؟ بدي اتصور
tapete vermelho? Quer me filmar

؟شو اقول؟ الله اكبر؟ واتفجر
O que deveria dizer? Allahu Akbar? E explodo

مين "سپونسير"¹⁶؟
Quem é o patrocinador

نفاق، شغل عداد الارهاب
Hipocrisia, use um medidor de terrorismo,

سابقين الكل بالكيلومتراج
você supera todo mundo na quilometragem

يامان عراق هيروشيما صومال
باكستان سوريا وافغانستان
lémen, Iraque, Hiroshima, Somália
Paquistão, Síria e Afeganistão

لا تكتبلي روشيتا، بديش تعطيني پروزاك
لا تكتبلي روشيتا، بديش تعطيني پروزاك
Não me prescreva uma receita, não quero que me dê Prozac

¹³ Referência à Ku Kux Klan.

¹⁴ Em inglês “prazer em conhecer”.

¹⁵ Sigla em árabe, referente ao chamado Estado Islâmico.

¹⁶ Em inglês *sponsor*: “patrocinador”.

كأبتي وحرّة فيها، مايند يور بيزنيس ع قولتك
É a minha depressão, deixe-a livre, mind your business¹⁷ é o que vou te falar

لحالي بتقلب، لحالي بتألم
Vou me virar sozinho, vou sofrer sozinho

بنموت وبننولد ، لحال لحال لحال لحال
Eu morrer e renascer só, só, sozinho

بنكتب الروشيتا ، بنلاقي غير الپروزاك
Vamos prescrever (nossas próprias) receitas, temos algo que não o Prozac

الكآبة اللي بمر فيها، بصير خير على قولتك
Vou lidar com minha depressão, ficarei bem

لحالي بتقلب، بنموت وبننولد
Vou me virar sozinho, vou morrer e renascer

لحالي بتالم، لحال لحال لحال لحال
Eu sofrerei só, só, sozinho

سايكس پيكو قسمني وقطعني بلفور شلحني وشردني
Sykes Picot me partiu e cortou, Balfour me despiu e me deslocou

كله مستورد كله مستورد شغل اجنبي
É tudo importado, tudo importado, feito por gringo

وانا بستنى انا بستنى صنع بلدي
E ainda estou esperando por um produto caseiro

علوا علوا التصفيق علوا علوا التهليل
Continue batendo palmas, continue comemorando

رحبوا في لورنس الانجليز هادا بطل هادا قديس
Continue dando as boas-vindas a Lawrence Inglês, ele é um herói, um santo

لورنس العرب هو لقب مستعرب قديم
Lawrence da Arábia¹⁸, é um apelido arabizado antigo

مستعرب اسرائيل هو لقب مستعرب حديث
Arabizado de Israel é apelido arabizado moderno

¹⁷ Expressão em inglês que pode ser entendida como “cuida da sua vida”.

¹⁸ Referente ao filme britano-estadunidense *Lawrence of Arabia*, de 1962.

رحبوا يلا ارقصوا مع الرئيس الاحمق
Dêem boas vindas, vamos, dancem com esse presidente idiota

أفردوا البساط الأحمر اهدوا الماظ الكوكب
estendam o tapete vermelho e dando a ele tudo o que têm

كاميرا؟ كمان مرة؟
Câmera? De novo

يضريني؟ بالسرمة؟ شو السيناريو؟ حقوق امرأة؟
Então ele me bate? Violentamente? Qual é o cenário? Direitos das mulheres?

نفاق، الشوفينية مش شرقية بل ذكورية، كل واحد ودورو
Hipocrisia, chauvinismo não é oriental, mas é masculino, cada um tem seu papel

انا بعالج قضية الشرف وانت عالج عندكم صناعة ال "پورنو"
Eu trato a questão de honra e você trata a sua indústria pornô

لا تكتبلي روشيئا، بديش تعطيني پروزاك
Não me prescreva uma receita, não quero que me dê Prozac

كآبتي وحره فيها، مايند يور بيزنيس ع قولتك
É a minha depressão, deixe-a livre, então te digo mind your business

لحالي بتقلب، لحالي بتألم
Vou me virar sozinho, vou sofrer sozinho

بنموت وبننولد ، لحال لحال لحال لحال
Eu vou morrer e renascer só, só, sozinho

بنكتب الروشيئا ، بنلاقي غير الپروزاك
Vamos prescrever (nossas próprias) receitas, temos algo que não o Prozac

الكآبة اللي بمر فيها، بصير خير على قولتك
Vou lidar com minha depressão, ficarei bem

لحالي بتقلب، بنموت ومننولد
Vou me virar sozinho, vou morrer e renascer

لحالي بتالم، لحال لحال لحال لحال
Eu sofrerei só, só, sozinho

A inserção da tradução de *Prozac*, do grupo palestino DAM, tem por objetivo evidenciar a dimensão política e simbólica da linguagem na produção cultural palestina contemporânea. A letra é majoritariamente em árabe, mas preserva alguns termos-chave em inglês, que optei por manter no original e acrescentar em notas de rodapé suas possíveis traduções. Traduzir *Prozac* significou lidar com uma linguagem marcada pela denúncia e que reafirma a importância do idioma árabe como instrumento de expressão cultural e resistência. Embora os integrantes do grupo também produzam obras em inglês, mantêm o árabe como língua central. Essa escolha carrega um tom de ironia e de afirmação identitária, já que a letra inteira está em árabe, exceto pelas palavras estrategicamente mantidas em inglês, talvez uma forma de decidir o que será ou não compreendido facilmente pelo público “ocidental”.

A recusa do *Prozac* vai muito além da rejeição de um medicamento e não implica uma postura anticientífica; trata-se, antes, do reconhecimento de que o sofrimento psíquico dos palestinos é causado pelas mesmas forças que lhes oferecem a suposta cura, sendo um gesto crítico diante da medicalização e da hipocrisia política global. A obra musical denuncia essa contradição ao apontar a hipocrisia e a profundidade do problema: lucrar com a indústria pornográfica, acusar árabes de terrorismo enquanto se promovem guerras e violências, ou ainda usar o entretenimento, como o premiado e aclamado filme britano-americano *Lawrence da Arábia*, para reforçar narrativas coloniais.

Essa crítica, presente na letra do rap, evidencia a consciência das dinâmicas coloniais que atravessam não apenas a cultura, mas também o campo científico. Nesse mesmo sentido, o psicólogo palestino Makkawi (2017) ressalta que a psicologia foi introduzida no mundo árabe por meio do Egito, pelas potências coloniais à época e, desde então, segundo o pesquisador, as universidades árabes têm importado, reproduzido e ensinado acriticamente a psicologia ocidental tradicional (Makkawi, 2015). E ressalta, por exemplo, que psicólogos árabes raramente conduzem estudos sobre tópicos importantes para as pessoas que vivem no mundo árabe e que em vez disso, eles são mais propensos a elaborar estudos com base em instrumentos e métodos de pesquisa preexistentes para examinar construtos que predominam no Ocidente (Farraj, 2001 *apud* Makkawi 2017).

Apesar da história, cultura e necessidades próprias dos árabes e, aqui falamos especialmente dos palestinos, a imposição de uma epistemologia ocidental permanece. A percepção compartilhada por palestinos e outros povos de que há a

necessidade de ser agente reconhecido e narrador de sua própria história resulta em diversas ações. Essas ações se manifestam na pesquisa, na mídia, no ativismo e também na arte e na cultura. Poderia uma entidade de pesquisa, governamental ou outra, trazer soluções efetivas para palestinos enquanto são atreladas direta ou indiretamente ao seu invasor e opressor? O quanto essas ‘soluções’ respeitam o modo de vida da população local, e como manejam as diferenças que há séculos são incessantemente marcadas na comunicação ocidental? Os trechos a seguir retirados da obra musical aqui estudada nos dá uma resposta:

“É a minha depressão, deixe-a livre, e te digo *mind your business*”

“Vou prescrever minhas próprias receitas”

As colocações feitas na música ressoam com o que afirmam os profissionais aqui mencionados e a resposta é um sonoro “Não”. Apesar de reconhecerem a importância dos estudos e trabalhos feitos no ocidente e/ou por ocidentais, apontam também suas limitações e o quanto se tornam ineficazes ao rejeitarem ou sequer considerarem as formas de vida, resistência e sobrevivência do povo palestino. Sobre isso, menciona Jabr (2024):

A cultura palestina tem suas práticas próprias de cura e intervenções comunitárias que podem não se alinhar com as abordagens terapêuticas ocidentais convencionais. Elas incluem, por exemplo, crenças religiosas e nacionalistas, contação de histórias, glorificação de mártires, conexões com a terra (...) e reuniões comunitárias, que estão profundamente enraizadas no tecido cultural”. (Jabr, 2024, p. 62)

A busca por uma episteme própria constitui parte essencial do *sumud*, distinguindo-o da mera “resistência” ou “resiliência”. A forma sumúdica de existir e resistir passa pela elaboração de novas maneiras, aos olhos do Ocidente, de sentir, pensar e agir. O conhecimento importado nem sempre responde às necessidades culturais e históricas da Palestina, e muitas vezes tende a minimizar, apagar ou patologizar essas experiências. Como se ouve em Prozac:

“É tudo importado, tudo importado, feito por gringo/
Eu ainda estou esperando por um produto caseiro.”

Os versos acima expressam a expectativa por algo enraizado na própria realidade palestina, mas, ao mesmo tempo, cantar essa espera já é produzir o “produto caseiro”, um conhecimento autônomo, que nasce da experiência e se afirma na linguagem, na arte e na coletividade. Nesse sentido, a música torna-se um espaço

de criação e afirmação do *sumud*, preparando o terreno para compreender como o ato de cantar pode, também, ser uma forma de resistência.

Assim, se o *sumud* também se manifesta na produção de saberes e sensibilidades próprias, é na arte que ele encontra um de seus espaços mais potentes de expressão. Cantar torna-se, então, um gesto político e afetivo — uma forma de narrar o cotidiano sob ocupação e de afirmar a vida e a autonomia de pensamento apesar dela. É nesse horizonte que se insere a faixa *Prozac*, cuja letra condensa, com ironia e lucidez, o desejo (e a urgência) de reconhecimento de um modo de vida próprio.

A faixa “*Prozac*”, integrante do álbum *Ben Haana Wa Maana* (2019), do grupo palestino DAM, constitui uma crítica contundente às formas de controle social e de alienação (ou tentativas de alienação) que atravessam vidas palestinas sob ocupação e/ou em diáspora. O título, que remete ao antidepressivo amplamente utilizado no Ocidente, opera como metáfora da medicalização do sofrimento, problematizando tanto a tentativa de transformar dores coletivas em patologias individuais quanto a pressão para silenciar experiências decorrentes da violência política e social. Por meio da estética do hip-hop, marcada pela ironia, a faixa questiona a normalização da opressão e evidencia como o controle da subjetividade também se dá pelo campo da saúde mental.

DAM, reconhecido como pioneiro do rap em língua árabe, inspirou-se originalmente pelo hip-hop estadunidense, reapropriando o ritmo já conhecido globalmente para expressar realidades locais e consolidou-se como voz política durante a Segunda Intifada (2000–2005), quando suas letras assumiram um tom explicitamente engajado. Desde então, o grupo passou a denunciar a ocupação israelense, a continuidade de estruturas coloniais e as intervenções estrangeiras no Oriente Médio, além de problematizar tensões sociais internas, como as pressões sobre as mulheres e o casamento. O álbum *Ben Haana Wa Maana* é considerado um dos mais provocativos e socialmente críticos do coletivo, reafirmando a música como ferramenta de resistência cultural.

Nesse contexto, “*Prozac*” não apenas critica a medicalização e a intervenção ocidental, mas também se apresenta como hino de resistência, no qual DAM afirma sua recusa a narrativas impostas e reafirma o *sumud* como postura de permanência e enfrentamento. Mais do que um protesto, a faixa exemplifica como a música pode articular política, história e linguagem, transformando experiências individuais e

coletivas em discurso de resistência que ecoa além da Palestina. A crítica à medicalização é uma resposta à abordagem individualista do sofrimento, que pode patologizar o indivíduo sem conseguir fornecer soluções para o contexto patologizante (Jabr, 2024, p.60). A medicalização do sofrimento, em muito provocado ou agravado pela colonização e seus agentes, é, então, continuidade do discurso colonial de controle da subjetividade.

A memória e a história constituem pilares do *sumud*, especialmente diante do apagamento e de “releituras” enviesadas da dos fatos históricos. Recuperar narrativas apagadas e reafirmar a própria trajetória coletiva torna-se, assim, um gesto político de existência e continuidade frente às tentativas de silenciamento. Desse modo, vemos em Prozac a menção a alguns acontecimentos históricos, como nos versos a seguir:

“Você tem buracos na sua máscara branca, OK-KK”

“Temos que erradicar muitos costumes/

Mas Daesh não estava entre nós antes de Bush”

“Sykes Picot me partiu e cortou (amputou), Balfour me despiu e me deslocou”

No primeiro verso destacado, a menção à “máscara branca” e a “Ok-KK” remete ao grupo supremacista Ku Klux Klan¹⁹, símbolo do racismo institucionalizado e da violência colonial. Já os versos que citam “costumes” e “não tínhamos *Daesh* antes de Bush” articulam uma crítica direta às interferências ocidentais que desestabilizaram a região, ao mesmo passo que reconhecem que há costumes locais que precisam ser revistos. Esses costumes muitas vezes são apontados como justificativa para intervenções que supostamente visam “levar a democracia” e “libertar” aquelas pessoas.

Na sequência, há a evocação de dois marcos históricos: o Acordo Sykes-Picot, que foi secretamente firmado entre França e Grã-Bretanha no ano de 1916, e estabeleceu a partilha colonial dos países árabe do Oriente após a queda do Império Otomano, dividindo artificialmente a região em zonas de influência europeias. Movimento esse que gerou uma fragmentação que desconsiderou as identidades e dinâmicas locais, gerando impactos duradouros. A Declaração Balfour, assinada no

¹⁹ MORIMOTO, Thais; BRAZ, Renan. **Como surgem grupos extremistas como a Ku Klux Klan?** São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), 22 jan. 2024. Disponível em: <https://www.fflch.usp.br/159845>. Acesso em: 09 set. 2025.

ano seguinte (1917), consolidou essa lógica imperial ao expressar o apoio britânico à criação de um “lar nacional para o povo judeu” na Palestina, sem qualquer menção ao povo palestino ou mesmo o termo “árabe”, que representava cerca de 94% da população. Redigida em linguagem diplomática ambígua, a declaração reconhecia direitos civis e religiosos apenas de forma indireta, reduzindo os palestinos à categoria de “comunidades não judaicas ali existentes”. Assim, legitimou-se politicamente o projeto sionista e iniciou-se um processo de invisibilização e deslocamento histórico dos palestinos (Khalidi, 2024).

Reproduz-se a seguir na íntegra a declaração de Balfour, composta por apenas uma frase:

O governo de Sua Majestade vê com bons olhos o estabelecimento na Palestina de um lar nacional para o povo judeu, e se empenhará ao máximo para facilitar a realização desse objetivo, ficando claramente entendido que nada deve ser feito que possa prejudicar os direitos civis e religiosos das comunidades não judaicas ali existentes, ou os direitos e status políticos desfrutados por judeus em qualquer outro país (Balfour *in* Khalidi, 2024, p.34).

Essa menção na obra reforça a dimensão histórica do trauma palestino, que ultrapassa a ocupação contemporânea e se enraíza em séculos de fragmentação territorial e manipulação política externa reafirmando, assim, não apenas o peso histórico desses eventos, mas também a violência concreta que deles decorreu.

Ao integrar esses acontecimentos, o tema musical converte a memória em ferramenta de resistência: lembrar é recusar o apagamento, manter viva e atuante a consciência histórica e reivindicar o direito de narrar a própria história. *Prozac*, portanto, vai além da denúncia, reinscrevendo o passado no presente e reafirmando o *sumud* como permanência ativa, não apenas resistindo à destruição, mas reconstruindo-se e narrando-se apesar de tudo.

3.2 QUEM TEM VOZ E QUEM TEM VEZ

O hip hop surgiu no final dos anos 1960 e início dos anos 1970 nos bairros pobres do Bronx e Brooklyn, Nova York, como um movimento sociocultural que combina break dance, rap, grafite e disc jockey. Apesar de ser um movimento inicialmente praticado pelos jovens como forma de socialização, o rap rapidamente se tornou uma ferramenta de reflexão sobre a vida cotidiana, a violência, a pobreza e a política local, assumindo caráter político e sociocultural (Cuenca, 2016).

Com o passar do tempo, o movimento hip hop se expandiu e se globalizou, incorporando elementos culturais de cada local onde chegava, transformando o hip hop em uma prática transcultural que dialoga com a tradição afro-americana, mas também se reinventa segundo contextos locais, incluindo linguagens, estilos musicais e expressões identitárias de comunidades migrantes (Spady *in* Alim, p.119-120; Carneiro, 2005 *apud* Cerqueira e Carvalho).

No documentário *Checkpoint Rock* (Fermin Muguruza, 2009), lançado 10 anos antes da canção aqui analisada, os 3 integrantes originais do grupo DAM, os irmãos Tamer e Suhel Nafar e o amigo deles Mahmoud Jreri, contam sobre como foi natural para eles começar na música, e que ouviam artistas como as de Fairuz e Majida el-Rumi, duas das cantoras árabes mais conhecidas, e que quando o Rap chegou até eles, gostaram como forma de expressão, mas por ser o rap de um lugar e eles de outro, acabaram fazendo uma fusão, afirmam que são como jornais das ruas, que contam as histórias que vivem. O grupo, além de ter sido o primeiro de hip hop palestino, foi pioneiro no chamado Oriente Médio ao cantar nesse estilo em língua árabe, embora também possua composições em inglês e outras que incluem trechos ou expressões nesse idioma, como ocorre em *Prozac*.

Outros dois pontos a serem ressaltado, para além do idioma, são o uso de instrumentos árabes na composição e a presença da voz da cantora Maysa Daw, que passou a integrar o grupo em 2015, e, mais ainda, de ser na voz dela que aparecem trechos que evidenciam o impacto da questão de gênero no âmbito da opressão sobre o povo palestino e também de sua resistência:

يضر بني؟ بالسرمة؟ شو السيناريو؟ حقوق امرأة؟

Então ele me bate? Violentemente? Qual é o cenário? Direitos das mulheres?

نفاق، الشوفينية مش شرقية بل ذكورية، كل واحد ودورو

Hipocrisia, chauvinismo não é oriental, mas é masculino, cada um tem seu papel

انا بعالج قضية الشرف وانت عالج عندكم صناعة ال "پورنو"

Eu trato a questão de honra e você trata a sua indústria pornô

A sequência de versos supracitada retrata os dois lados da opressão sofrida pelas mulheres palestinas: a violência machista dos invasores sionistas e as questões de gênero da própria sociedade árabe. A rapper palestina Arapiyat, quando entrevistada no documentário previamente mencionado, afirma que enfrenta “dois

problemas: primeiro que sou uma mulher na sociedade árabe e segundo porque sou uma palestina vivendo neste país [Palestina sob ocupação], nos pressionam pelos dois lados, mas nós somos mais fortes e seguimos em frente” (Arapiyat, 2009).

Nesse sentido, Samah Jabr endossa que a opressão e o colonialismo exacerbam as desigualdades de gênero preexistentes, explicando que a violência política incentiva uma atitude “protetora” que impede as mulheres de participar plenamente da vida comunitária. Ela ressalta ainda que uma maior flexibilidade nos papéis de gênero poderia aumentar a resiliência dos palestinos diante do trauma, libertando as mulheres da prisão que ocupam dentro de si mesmas e permitindo que se tornem agentes ativos de mudança e resistência (Jabr, 2024). Jabr destaca, também, que essa violência de gênero se manifesta no âmbito da saúde mental de forma direta no cotidiano: “as mulheres palestinas na prisão são ridicularizadas e desacreditadas por negligenciar seu papel ‘tradicional’ e não recebem nenhum apoio psicológico” (Jabr, 2024).

Esses apontamentos não apenas evidenciam a intersecção entre ocupação e opressão de gênero, mas também demonstram que os impactos da narrativa orientalista são bastante profundos e que o *sumud* precisa passar pelo reconhecimento das mulheres como sujeitos ativos de sua própria história e de transformação social.

3.3 DEIXE-NOS EM PAZ

Ao retomar os elementos analisados, percebe-se que todos se articulam em torno de um mesmo núcleo simbólico: a palavra *sumud*. Mais do que um termo intraduzível, expressa uma filosofia de vida que atravessa a experiência palestina, condensando permanência, resistência e dignidade diante da ocupação e suas violências. Traduzir *sumud* seria, de certo modo, esvaziar o peso histórico e afetivo que carrega; mantê-lo em árabe é afirmar sua potência política e cultural, reforçando sua presença simbólica e identitária.

Essa tensão entre tradução e manutenção do termo também aparece nas palavras de Rima, ao refletir sobre o próprio processo tradutório. Para ela, o desafio foi encontrar um tom que não apagasse nada do que o texto carrega:

(...) era como caminhar sobre uma linha muito fina: de um lado, a linguagem clínica, que pede precisão e cuidado com a dor humana; de outro, a linguagem política, que exige firmeza e clareza para denunciar

a violência; e, ao mesmo tempo, a dimensão cultural, que não pode ser diluída, porque traz consigo a memória, a história e a identidade de um povo. Em muitos momentos, traduzir não era apenas transportar palavras, mas também silêncios, afetos e marcas de uma experiência coletiva, honrando todas as camadas sem deixar que uma se sobrepusse à outra.

Essas formas de expressão convergem para um ponto central: a tradução como espaço de fronteira, onde o tradutor ou artista decide o que permanece e o que se transforma. Ao não traduzir *sumud*, preserva-se um território simbólico, garantindo que a língua árabe e o modo de perceber o mundo que ela expressa e abriga, continue presente.

Dessa forma, o percurso analisado revela que a não-tradução de *sumud* pode ser, paradoxalmente, também uma forma de tradução, uma tradução política que se dá não pelo deslocamento, mas pela permanência. A pergunta imediata que surge quando um não-árabe se depara com o título do livro é “Mas o que/quem é *sumud*?” não pode ser respondida por qualquer tradução, sem ser reduzida ou limitada por esta. O incômodo de ter que se perguntar, olhar de novo, se aproximar da capa do livro para reparar nas letras miúdas ao lado, onde se encontra uma breve explanação sobre o termo, fala por si só. Ele nos tira da zona de conforto e nos coloca, de alguma forma, em movimento.

Ao integrar arte, memória, narrativa e práticas culturais, este trabalho busca evidenciar que o *sumud* não é apenas resistência passiva ou resiliência: é presença ativa, produção de saberes e afirmação de autonomia diante de imposições externas. Assim, ele se revela simultaneamente cultural, político e psicológico. Diante de um histórico de opressões em que a resistência é rotulada como terrorismo, a revolta como agressividade e o sofrimento como loucura, manter o termo *sumud* sem tradução torna-se, em si, um gesto de afirmação, uma reivindicação de liberdade simbólica e intelectual.

CONCLUSÃO

Este trabalho investigou o papel da linguagem e da tradução na construção de saberes e na afirmação da subjetividade palestina, com atenção especial à preservação do termo árabe *sumud*. A não tradução de certos conceitos se mostra não apenas uma escolha linguística, mas uma estratégia de resistência simbólica e epistêmica, capaz de preservar significados culturais, históricos e políticos que se perderiam em equivalentes ocidentais. Ao manter o termo em árabe, reafirma-se o discurso dos palestinos, sua capacidade de produzir conhecimento a partir da própria experiência e a resistência às narrativas coloniais que historicamente procuraram invisibilizar essas vivências.

Concluir o curso de Letras Português-Árabe com este trabalho, em um momento marcado pelo genocídio em Gaza, tem para mim um significado profundo, pessoal e político. Como tradutora e intérprete comunitária, compreendo que traduzir vai além de transpor palavras: é preservar voz, dignidade e memória. Refletir sobre *sumud* mostrou que resistir, criar e preservar saberes conecta experiências humanas atravessadas por histórias de opressão e colonialidade, ampliando nossa compreensão e fortalecendo uma prática acadêmica e profissional sensível, crítica e comprometida.

Este trabalho reafirma que a linguagem, a cultura e a tradução podem ser ferramentas de solidariedade, resistência e transformação social. Preservar o *sumud* em árabe é, assim, mais do que uma estratégia acadêmica: é um gesto de memória viva, afirmação do compromisso ético com a dignidade daqueles que lutam para ser ouvidos.

ANEXOS

Entrevista com Rima Awada Zahra (por Isabella Marcelo)

1 - Que relação você enxerga entre linguagem, tradução e saúde mental em contextos de opressão?

É importante compreender que a guerra se instaura, antes de tudo, como um fenômeno psicológico, para só depois se concretizar como um fato histórico. Toda guerra começa como guerra psicológica, valendo-se da linguagem para desumanizar o outro. Estamos, hoje, diante da urgência de refletir sobre como se constroem essas narrativas que sustentam processos de desumanização sendo a questão palestina a expressão mais atual e trágica dessa dinâmica.

2- Alguns termos árabes (como *sumud*) carregam sentidos de força, perseverança e identidade coletiva. Do ponto de vista psicológico, que impacto pode ter a preservação ou a tradução desses termos para outros públicos?

Manter o termo sem traduzi-lo significa reconhecer e valorizar um conjunto de habilidades e práticas cultivadas pelo povo palestino, uma resposta digna e resistente diante do extremo da desumanização. *Sumud* cria as bases de um estilo de vida de resistência, agarrando-se à terra como uma oliveira profundamente enraizada, preservando a própria identidade, buscando autonomia e liberdade de ação, e preservando a narrativa palestina e sua cultura diante da destruição (Jabr, 2024, p.114-15).

3 - Você acredita que traduzir esse tipo de obra pode ajudar a combater estigmas e narrativas orientalistas?

Com certeza. *Sumud* entrou para a lista dos livros mais vendidos e esgotou nas duas primeiras semanas após o lançamento. Até hoje participo de eventos de lançamento e debates sobre a obra, que já foi traduzida para outras línguas. Recentemente, iniciamos também um clube de leitura de *Sumud*, a partir de pedidos de docentes, alunos e leitores.

Não existe uma dicotomia entre política e saúde mental. Não é possível analisar esse contexto de ocupação sem considerar a relação entre opressor e oprimido. A partir da leitura de *Sumud* e dos casos apresentados pela Dra. Samah, conseguimos compreender de forma mais ampla o impacto da colonização sobre a saúde mental.

4 - Na sua visão, a tradução pode ser uma ferramenta decolonial, no sentido de abrir espaço para outras epistemologias sobre sofrimento e cura?

O ver, e sobretudo o ver em excesso, parece esbarrar continuamente no muro da negação. No caso da Palestina, esse excesso de imagens não gera reconhecimento, nem provoca uma crise ética na humanidade. Pelo contrário: ao mostrar demais, paradoxalmente, dessensibiliza o sofrimento. Quanto mais somos expostos à dor escancarada do outro diante de nós, menos conseguimos sentir. Afinal, ver demais é insuportável.

É por isso que aposto na palavra. Faço a defesa da palavra. A palavra tem a potência de deslocar. Não apenas contorna e nomeia: ela cria um lugar para o outro. A palavra produz reconhecimento, entendimento, saber. Pensamos com palavras e com as imagens que elas convocam.

A palavra é como uma flecha: quando encontra o seu alvo, quando toca a experiência, ela a desloca. A experiência deixa de ser algo isolado, único, incomunicável, para se tornar da ordem do coletivo. Porque a experiência, para existir plenamente, exige compartilhamento.

É por isso que precisamos desses espaços: precisamos escrever, ler, produzir, traduzir e debater sem medo.

5 - Qual foi o maior desafio em traduzir um texto que é ao mesmo tempo clínico, político e cultural?

Para mim, o maior desafio foi encontrar um tom de tradução que não apagasse nada do que o texto carrega. Era como caminhar sobre uma linha muito fina: de um lado, a linguagem clínica, que pede precisão e cuidado com a dor humana; de outro, a linguagem política, que exige firmeza e clareza para denunciar a violência; e, ao mesmo tempo, a dimensão cultural, que não pode ser diluída, porque traz consigo a memória, a história e a identidade de um povo. Em muitos momentos eu sentia que não traduzia apenas palavras, mas também silêncios, afetos e marcas de uma experiência coletiva. O desafio foi esse: **honrar todas essas camadas**²⁰ sem deixar que uma se sobrepusesse à outra, mantendo viva a densidade e a dignidade do texto.

²⁰ Nosso grifo.

REFERÊNCIAS

ALIM, H. Samy; RICKFORD, John R.; BALL, Aretha F. (org.). ***Raciolinguistics: how language shapes our ideas about race***. Oxford/New York: Oxford University Press, 2016.

ARAÚJO, Luiz Antonio. *Oriente em revista: de que o jornalismo fala quando fala do islã*. Florianópolis: Editora Insular, 2020.

CERQUEIRA, Fernanda de Oliveira; CARVALHO, Dannel da Silva. Resumo do livro *Raciolinguistics: how language shapes our ideas about race*, de H. Samy Alim, John R. Rickford e Aretha F. Ball. **Resumo**. Trab. linguist. apl. 61 (2), 2022 .

CUENCA, James. Los jóvenes que viven en barrios populares producen más cultura que violencia. **Revista Colombiana de Psicología**, Bogotá, v. 25, n. 1, jan./jun. 2016. DOI: 10.15446/rcp.v25n1.49970. Disponível em: http://scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0121-54692016000100010. Acesso em: 01 nov. 2025

DAM. *Prozac*. Reino Unido: Cooking Vinyl Limited, 7 jun. 2019. (Álbum musical).

DAM: How the Originators of Palestinian Hip Hop are Taking the World by Storm. Mundane Magazine, [s. l.], [ano?]. Disponível em: <https://mundanemag.com/dam-how-the-originators-of-palestinian-hip-hop-are-taking-the-world-by-storm/>. Acesso em: 08 ago. 2025.

Entrevista com Rima Zahra. Disponível em: https://docs.google.com/document/d/1ToUGOhy3dXab3A25AFF6gSHNOZ_56TknjwbqE9ZwMaE/edit?usp=sharing.

JABR, Samah. *Sumud em tempos de genocídio*. Tradução de Rima Awada Zahra. Rio de Janeiro: Tabla, 2024.

KHALIDI, Rashid. *Palestina: um século de guerra e resistência (1917-2017)*. Tradução de Rogerio W. Galindo. São Paulo: Todavia, 2024.

MAKKAWI, Ibrahim. Rise and fall of academic community psychology in Palestine and the way forward. [S. l.], 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/bMzRFkFcLSbc8fdp9rBPv9Q/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 09 set. 2025

PAPPÉ, Ilan. *10 mitos sobre Israel*. São Paulo: Tabla, 2022.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. Buenos Aires: CLACSO, 2005. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4109238/mod_resource/content/1/12_Quijano.pdf. Acesso em: 08 ago. 2025

SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.